

ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL: CONQUISTAS E DESAFIOS

RENATA SENNA GARRAFFONI¹

Resumo: O objetivo central desse artigo é discutir alguns aspectos sobre o desenvolvimento dos Estudos Clássicos no Brasil. Início focando em um artigo publicado anteriormente em 2001 pela revista *Helade* - 'As culturas greco-romanas em discussão: as pesquisas em Antiguidade Clássica da Unicamp' – para discutir a importância da interdisciplinariedade dos Estudos Clássicos nas primeiras décadas do século XXI. Para tanto, optei por discutir dois estudos de caso para argumentar como o pensamento pós-colonial tem alterado a maneira como brasileiros e brasileiras lidam com a herança clássica. **Palavras-chave:** Usos do passado, Estudos Clássicos, Interdisciplinariedade.

INTRODUÇÃO

Em julho de 2001 ocorreu, na Universidade Federal Fluminense (UFF), o XXI Simpósio Nacional

da Anpuh com o tema *História no Novo Milênio*. Na ocasião era recém ingressa no curso de doutorado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação de Pedro Paulo Abreu Funari, e fui ao Simpósio da Anpuh para participar em um dos primeiros encontros do GT de História Antiga. Além de apresentar os resultados iniciais da pesquisa de doutorado, que mais tarde em 2005 seria publicada pela Annablume (Garraffoni 2005), realizei, junto com a minha colega de pós-graduação Lourdes Feitosa, um levantamento que nos foi solicitado acerca da produção de História Antiga vinculada à Unicamp. Essa atividade estava relacionada com a ideia na qual tínhamos poucos dados acerca da produção nacional e os professores, naquele momento, já percebiam o avanço da área no Brasil e desejavam realizar um balanço do que havia sido feito até então.

Lembro-me que realizar esse trabalho junto com Feitosa foi bastante importante para mim: pela primeira vez pude entrar em contato um pouco mais com a História da disciplina na Unicamp, levantar trabalhos que antecederiam nossa presença na instituição, separar, a partir de conversas com Feitosa, qual material seria mais relevante para

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

Gostaria de agradecer a todos os envolvidos nos grupos de pesquisas e trabalho mencionados – tanto professores e como alunos – pela oportunidade de diálogo sempre presente em diferentes momentos. A responsabilidade pelas ideias recai apenas sobre a autora.

discutirmos com os professores no GT. Feito o levantamento e a partir das discussões dos dados na ocasião do GT, escrevemos o artigo 'As culturas greco-romanas em discussão: as pesquisas em Antiguidade Clássica da Unicamp', publicado junto com os demais trabalhos como dossiê na *Hélade* em 2001. Tanto a pesquisa de dados na Unicamp, como a discussão na UFF e posterior publicação na *Hélade* sem dúvida foi um momento ímpar na minha formação, afinal, de alguma maneira estava ajudando a construir um levantamento da área no Brasil e participando de uma publicação exclusivamente *on line*, algo raro até então.

De fato, essas experiências marcaram profundamente minha maneira de lidar com a construção do conhecimento, em especial por perceber a importância do trabalho coletivo para a visibilidade da área, das discussões e formas de diálogo para pensarmos políticas educacionais, bem como a importância da expansão de grupos de pesquisas e intercâmbio com o exterior. Ao longo dessa década, que separa a experiência com o GT no Rio de Janeiro do momento atual que sou docente no Departamento de História da UFPR, busquei seguir com a pesquisa na área de Antiga, mas também acompanhar de perto as discussões sobre a área e o significado de trabalhar com História Antiga no Brasil. Assim, do ponto de vista acadêmico, participei de alguns dossiês e encontros nacionais sobre o tema trabalhando com Funari para divulgar os avanços da área, em especial da Arqueologia Clássica no país (Garraffoni e Funari 2011; Garraffoni, Funari e Pinto 2010; Garraffoni e Funari 2010) e, do ponto de vista institucional e político, tive uma oportunidade única e desafiadora que foi ter sido vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e trabalhado com vários colegas da chapa liderada por Gabriele Cornelli (UNB) no biênio de 2012-2013, além de fazer parte de grupos de trabalhos interdisciplinares com diferentes instituições.

Por essa experiência de 2001 ter sido tão cara para mim, aceitei o desafio proposto pelo professor Alexandre Santos de Moraes: retornar ao artigo mencionado e produzir uma reflexão a partir dele. Como atualmente não sou mais discente na

Unicamp e sim docente na UFPR, optei por retomar alguns pontos do trabalho realizado em parceria com Feitosa e, a partir dele, propor uma reflexão sobre como tais experiências impactaram os trabalhos que venho desenvolvendo hoje no Departamento de História da UFPR. O objetivo desse artigo é, portanto, é seguir o espírito do levantamento de 2001, mas focando em trabalhos e parcerias que estamos realizando com colegas do Paraná e São Paulo, viabilizando um levantamento da produção de dois grupos que tenho participado: *Encruzilhadas de narrativas: discursos biográficos, história e literatura* e *Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado*. Para tanto, realizarei um breve resumo do trabalho de 2001, selecionando alguns argumentos que considero relevante para, em seguida, refletir sobre a produção dos grupos mencionados, buscando pensar sobre as conquistas da área nessas últimas décadas e os desafios que nos aguardam nas próximas.

'AS CULTURAS GRECO-ROMANAS EM DISCUSSÃO: AS PESQUISAS EM ANTIGUIDADE CLÁSSICA DA UNICAMP' – BREVE RESUMO

Conforme comentado, em 2001 foi publicado um dossiê da Revista *Helade* que continha um artigo que escrevi em parceria com Lourdes Conde Feitosa, na ocasião também aluna do programa de pós-graduação em História da Unicamp, hoje doutora e professora na Universidade do Sagrado Coração, em Bauru, estado de São Paulo (FEITOSA & GARRAFFONI, 2001). Gostaria, então, de retomar aqui seus principais pontos. Iniciamos o trabalho com um breve histórico acerca dos estudos sobre a Antiguidade na Unicamp, a seguir mencionamos a importância do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) para atividades interdisciplinares, a formação do CPA (Centro do Pensamento Antigo), as principais agências de fomento e, por fim, uma lista da produção no Brasil e exterior vinculada a instituição até aquele momento. Para essa ocasião, gostaria de focar em dois aspectos desse trabalho: um breve histórico dos Estudos Clássicos na Unicamp e a interdisciplinaridade.

1. Breve histórico:

Iniciamos o texto enfatizando dois momentos do estudo da História Antiga na Unicamp: os primórdios na década de setenta com o professor Jaime Pinsky e sua consolidação como um espaço de discussão e produção de pesquisas sobre o mundo greco-romano a partir da contratação do professor Pedro Paulo Funari em 1992. Levantamos alguns dados importantes que indicavam a expansão da área no Brasil, como por exemplo o fato de que em meados da década de noventa, por exemplo, o curso de História contava com dois bolsistas de iniciação científica que desenvolveram projetos de pesquisa ligados ao mundo romano e dois que fizeram um levantamento bibliográfico das fontes clássicas existentes na Universidade².

Partindo desses dados, notamos uma mudança de panorama até 2001, com a formação de um quadro bem mais complexo e plural. Além de novos bolsistas de iniciação científica, houve um considerável aumento de pesquisadores no programa de Pós-graduação do Departamento de História interessados no mundo greco-romano, em especial depois da criação da linha de pesquisa *História, Cultura e Gênero*, em 1995. Como o objetivo da linha era o de realizar estudos temáticos e teóricos partindo da reflexão sobre algumas correntes historiográficas contemporâneas, em especial a Nova História, a História Cultural e Social e a História Intelectual, os Estudos Clássicos encontraram um lugar para se desenvolver, já que antes era mais difícil uma vez que o programa de pós tinha sua excelência reconhecida por trabalhos focados na História Contemporânea. Assim, dentro de uma linha de pesquisa criada com preocupação central de discutir novos caminhos para se escrever a História dos diversos períodos, vários trabalhos sobre Grécia e Roma foram desenvolvidos e, na ocasião do levantamento, havia cinco pesquisadores no mestrado, três no

doutorado e duas dissertações defendidas, todos sob orientação do professor Funari que se tornou livre-docente em História Antiga em 1996. Vale ressaltar que com as aposentadorias e novas reorganizações do Programa na última década, atualmente a linha de pesquisa que congrega o campo da História Antiga na Unicamp é denominada *Gênero, Subjetividades, Cartografias e Cultura Material*.

Quando escrevemos o trabalho, Feitosa e eu já havíamos notado que o desenvolvimento das pesquisas em História Antiga tinha sido possível devido à interdisciplinaridade e o fomento a pesquisa, pontos que considero importantes nessa retomada e passo a comentar a seguir.

2. Interdisciplinaridade:

A interdisciplinaridade é um ponto relevante na articulação das pesquisas sobre História Antiga na Unicamp desde a década de 1990. Na ocasião, Feitosa e eu argumentamos que a realização desses trabalhos foi possível devido a articulação de três fatores: o fomento, as parcerias com o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e a criação do CPA – Centro do Pensamento Antigo. Do ponto de vista do fomento, os principais órgãos como Fapesp, CNPq-PIBIC e SAE (Serviço de Apoio ao Estudante - Unicamp) foram fundamentais, na ocasião, para financiar as iniciações científicas ou as então chamadas bolsas trabalho, que possibilitam o levantamento de bibliografia, produção de catálogos e organização de dados sobre a produção acadêmica em Antiga na Unicamp e nas demais Universidades do Brasil.

Já a Pós-Graduação contava com o apoio da CAPES, CNPq e da FAPESP. As agências propiciam aos doutorandos a possibilidade de realizar pesquisas no exterior, aumentando o intercâmbio entre diferentes instituições, além de destinarem verbas para os pós-graduandos, em geral, participarem de reuniões científicas no Brasil. Com relação à FAPESP, ressaltamos a importância do auxílio proporcionado pela chamada reserva técnica: esta verba anual, que mestrandos e doutorandos recebem, foi fundamental na década de 1990 e início de 2000 para a aquisição de bibliografia importada

² O levantamento nas bibliotecas da Unicamp, realizado pelos então bolsistas SAE/Unicamp André Côrtes de Oliveira e Natália Terezinha G. A. Moreira, foi fundamental para a publicação do artigo de 2001. Veja a listagem completa da produção levantada em GARRAFFONI & FEITOSA, 2001.

e atualizada. Com este auxílio, foi possível ampliar, especializar e atualizar o acervo bibliográfico na área de História Antiga, assim como as verbas de compras de livros de projetos mais amplos da biblioteca que possibilitou, por exemplo, que o Instituto adquirisse o CIL – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, fonte importante para os estudos epigráficos.

Com relação a interdisciplinaridade, o apoio e as parcerias com o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) foram, e arriscaria dizer que ainda hoje são, de grande importância para o fortalecimento da área na Unicamp. A razão central para isso, já constada em nosso artigo de 2001, diz respeito ao trânsito dos alunos e das alunas de graduação: desde muito cedo no ingresso ao curso os alunos e as alunas do curso de História da Unicamp têm a oportunidade de frequentar as aulas de latim e grego ministrados no Instituto, além das de literatura Clássica. Além disso, o Instituto possui também uma biblioteca com livros e periódicos específicos sobre a Antiguidade greco-romana, e tal interação facilita que os alunos e as alunas possam manusear a documentação diretamente no original, como também a produzir análises críticas de traduções clássicas já existentes.

Além das parcerias com o IEL, outro ponto que destacamos no artigo foi a criação do CPA – Centro de Pensamento Antigo. Criado em 1995, este centro tem como um dos principais objetivos o diálogo interdisciplinar e, na sua origem, foi fundamental para tratar a questão da documentação referente à Antiguidade Clássica. O Centro foi responsável, no início, por permitir a realização de levantamentos bibliográficos, organizado o material disponível no Brasil com intuito de repassá-los aos diversos pesquisadores e docentes que então atuavam em áreas isoladas do país, tendo contribuído para a democratização dos recursos existentes e para a construção de uma estrutura sólida para a pesquisa Clássica no Brasil.

Como foi pensado como um Centro de estudos interdisciplinar, é composto, até hoje, por pesquisadores e docentes das áreas de Filosofia, História e Letras Clássicas da Unicamp e de outras Universidades brasileiras. Os Colóquios realizados a cada dois

anos congregou muito estudiosos desde a década de noventa, se definido como um espaço permanente de discussão de trabalhos de Iniciação Científica, dissertações e teses de doutorado, aprofundamento do pensamento Antigo e intercâmbio de idéias, já que conta com a participação de pesquisadores de diversos lugares do Brasil e, também, alguns do exterior. Na ocasião do levantamento realizado, destacamos os debates e palestras com professores estrangeiros como José Remesal e Víctor Revilla, da Espanha; Rodolfo Bouzon, da Argentina; Anne Marie Sorbets, de Paris; Margarita Díaz-Andreu e Siân Jones, da Inglaterra e com os pesquisadores brasileiros André Chevitarese, da UFRJ; Elaine Hirata, Maria Beatriz Florenzano, João Ângelo de Oliveira Neto, Maria Luíza Corassin e Norberto Luiz Guarinello, da USP; Fábio Faversoni, da UFOP; Haiganuch Sarian e Maria Isabel Fleming, do MAE-USP; Kátia Pozzer, na ocasião professora da Luterana do RS; José Antônio Dabdab Trabulsi, da UFMG; Margareth Bakos, da PUC-RS, Renan Frighetto, da UFPR e um constante colaborador Claudiomar Gonçalves, da UEL, que faleceu pouco tempo depois da publicação do trabalho.

O recorte apresentado no artigo de 2001 foi, portanto, da área de História devido ao foco do levantamento, mas professores de latim, grego e filosofia antiga estiveram sempre presentes nas mais de duas décadas de funcionamento do Centro. Além de palestras, debates e seminários, ressaltamos a publicação do *Boletim do CPA*, que facilitou a divulgação dos temas estudados e permitiu um diálogo maior entre os pesquisadores da área, em um período que havia, ainda, poucos periódicos especializados em Estudos Clássicos no Brasil.

A partir desde breve resumo da publicação feita com Feitosa, é possível perceber que os alunos e as alunas de graduação e pós tiveram, a partir da chegada do professor Funari na instituição e de seus esforços de diálogos entre as disciplinas e as instituições, a possibilidade de serem formados em um contexto de trabalho coletivo e interdisciplinar, aberto a discussões entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Esta estrutura, que na época ainda estava em formação e hoje já é bem mais consolidada,

em especial no campo da Arqueologia com a fundação do LAP – Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte -, incentivou a pesquisa sobre o mundo greco-romano na Unicamp e repercutiu até hoje na produção e publicação de textos acadêmicos no Brasil e no exterior, bem como a elaboração de material didático e paradidático mais atualizado para o ensino no primeiro e segundo graus.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES APÓS O LEVANTAMENTO DE 2001 FEITO COM FEITOSA

Entre o levantamento feito em 2001 da produção de História greco-romana na Unicamp e a presente data já se vão quase duas décadas. Com bastante alegria vimos consolidar diferentes projetos nos Estudos Clássicos não só na Unicamp como nas mais diferentes Universidades Federais, Estaduais e Privadas espalhadas pelo país, o que expressa uma conquista importante para todos os que estão envolvidos na área. Em um levantamento mais recente que fiz com Funari e Pinto, por ocasião da introdução o livro com textos de Hingley (GARRAFFONI; PINTO; FUNARI, 2010, p. 13-16), destacamos que:

- A Anpuh e SBEC se tornaram fóruns permanentes de discussão e troca de ideias sobre a produção os Estudos Clássicos, o que fortaleceu e internacionalizou as publicações nacionais (vale lembrar que 2001 foi o primeiro esforço na Anpuh e muitas reuniões e diálogos foram realizados depois disso);

- O desenvolvimento de grupos de pesquisas fora do eixo Rio-São Paulo foi importante para a formação de quadros de especialistas em diferentes estados e tal esforço tem sido sentido na formação dos profissionais na área – hoje muitas instituições brasileiras possuem professores de História Antiga com pesquisa de base na área, algo que não acontecia décadas atrás. Tal situação incentiva a produção e o desenvolvimento de novas áreas de pesquisa, renovando a área;

- Há um maior número de grupos consolidados que trabalham diferentes povos do mundo

antigo, entre eles celtas, China antiga, mesopotâmicos, egípcios, indo além do mundo clássico e da antiguidade tardia;

- Aumento do interesse pela Arqueologia do mundo antigo, em especial a Clássica, com estudos dos acervos do MAE/USP, Museu Nacional do Rio de Janeiro – só para citar alguns exemplos;

- Maior intercâmbio com países europeus, tanto na ida de pesquisadores brasileiros para aprofundarem seus estudos como na vinda de estudiosos para cá.

Esse novo quadro seguramente se reflete no aumento de produção especializada e, também, na preocupação de se formar alunos e alunas com mais habilidades e experiências na área. Essa perspectiva também se encontrava nos quadros do Departamento de História da UFPR desde final da década de 1990 quando o professor Renan Frighetto passou a fazer parte da instituição. Desde a ocasião dedicou-se a firmar o campo de pesquisa da Antiguidade Tardia, área de sua especialização, orientando pesquisas na graduação, mestrados e doutorados. Em 2002 criou, junto com Fátima Fernandes, o Núcleo de Estudos Mediterrâneo (NEMED) que tem se destacado, até hoje, na produção de pesquisas e intercâmbio de professores visitantes, na área tardo-antiga e medieval.

Nesse sentido, quando me tornei docente no Departamento de História da UFPR em 2004 já havia, por parte dos colegas como um todo, uma abertura para o estudo da área de História Antiga e Medieval na UFPR. Vale ressaltar que há dois docentes com pesquisa de base em Antiga e duas docentes com especialidade em Medieval atuando no Departamento nesse momento, o que traz uma dimensão desses desdobramentos que mencionava anteriormente e expressa a importância da especialização do quadro docente. Se nos anos de 1990 contávamos, em um primeiro momento com o professor Claudiomar Gonçalves, com mestrado em História de Roma e professor na UEL, Londrina, atualmente contamos com um quadro muito mais amplo de docentes especializado em História Antiga,

não só na UEL como também na UFPR, UEM e outros *campi* em diferentes regiões do estado do Paraná.

SOBRE ALGUMAS PARCERIAS: DAS LETRAS CLÁSSICAS AOS USOS DO PASSADO

Considerando que o foco do artigo é pensar as contribuições do trabalho interdisciplinar nos Estudos Clássicos em específico para manter o diálogo com o trabalho de 2001, gostaria de relatar duas experiências de trabalho que pude participar no âmbito da UFPR e que muito tem contribuído para o desenvolvimento das pesquisas que tenho realizado com alunos e alunas de graduação e pós. Tais experiências estão relacionadas a dois grupos de pesquisa, reconhecidos pelo CNPq, um na UFPR e outro fora dela. O primeiro chama-se *Encruzilhadas de narrativas: discursos biográficos, história e literatura* e o segundo *Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado*. A razão da escolha dessas duas experiências para comentar nessa ocasião diz respeito a possibilidade do desenvolvimento de projetos de trabalhos coletivos que transitam no campo das letras clássicas, história e arqueologia greco-romana e seus usos e apropriações no presente.

1. Sobre o grupo interdisciplinar Encruzilhadas de narrativas: discursos biográficos, história e literatura.

O grupo de pesquisa *Encruzilhadas de narrativas: discursos biográficos, história e literatura* surgiu em 2007 a partir da iniciativa dos professores do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculo (Delin), Anamaria Filizola e Pedro Ipiranga Jr., e do Departamento de História, Ana Maria Burmester e Renata Senna Garraffoni. Na ocasião, o Delin passava por uma reestruturação e, nesse processo, vários jovens professores de latim e grego foram contratados. O grupo, então, foi um importante catalizador do potencial de pesquisa, bem como estímulo para o desenvolvimento de novas abordagens, debates e pesquisa. Organizamos muitas reuniões mensais com alunos de graduação, pós e professores dos

dois Departamentos e debatemos sobre estudos literários e historiográficos de narrativas de histórias de vida da Antiguidade greco-latina, de estudos de figurações literárias de sujeitos biográficos dos séculos XIX e XX, condições históricas do nascimento dessas narrativas e de estudos da construção de subjetividades e de sociabilidade³.

Sua premissa, desde o início, visava, portanto, uma perspectiva interdisciplinar e de diálogo com diferentes temporalidades, assim, foram definidas algumas perspectivas em comum: a possibilidade de produção de conhecimento autônoma e não linear das relações antiguidade e modernidade; cruzamento de formas de narrativas e várias perspectivas de discursos, em especial o biográfico; a possibilidade de explorar as ambiguidades entre os registros histórico e literário; diversidade de formas de leituras sobre o passado. Nesse sentido, percebendo a potencialidade do campo ainda pouco explorado no Brasil, o grupo inicial decidiu oficializar a proposta junto à UFPR criando o grupo com reconhecimento do CNPq e, para isso, constituiu três linhas de pesquisa, conforme presente no site do CNPq e reproduzo a seguir⁴:

1. Estudos Clássicos: visa o estudo das diferentes manifestações escritas da Antiguidade greco-romana, tanto os textos canônicos produzidos pelos membros da elite letrada, como as inscrições epigráficas de caráter popular. Assim, foca-se em diferentes manifestações escritas, que expressam as percepções de vida de diversas camadas da população do mundo antigo, buscando os estudos da constituição de diferentes narrativas e suas leituras.
2. Estudos pós-classicos e Medievais: visa o estudo das diferentes manifestações escritas dos períodos romano-helenístico, tar-do-antigo e medieval e análise de obras situadas nas fronteiras dos discursos poético,

³ Para mais detalhes da formação do grupo cf. FILIZOLA, 2014.

⁴ A configuração atual do grupo se encontra disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6914305051373223>

biográfico, romanesco, histórico e retórico. A prosa biográfica da época é fortemente influenciada pelo romance greco-romano, resultando em obras que se afiguram menos como biografias do que como entrecruzamento entre as duas formas. A ênfase será sobre biografias, romances, narrativas historiográficas, vidas de santos, atos apócrifos, relatos de martírio.

3. Literatura e História: visa o estudo da constituição dos discursos específicos, quer literários, quer históricos, nas diferentes temporalidades, da Antiguidade clássica, pós-clássica, Idade Média e Modernidade. Foca-se a percepção das diferenças intrínsecas a estas temporalidades, nos diferentes gêneros discursivos, bem como os seus diálogos. Chama a atenção o fato de os discursos biográficos serem pouco estudados dentro do escopo dos estudos de literatura e história. Interessa pensar seus objetivos, a forma como são lidos.

Em todos esses anos de funcionamento o grupo buscou dar suporte para os alunos e alunas envolvidos/as, organizando encontros de discussão de textos e os Simpósios Temáticos que denominamos Simpósio Antigos e Modernos. Esses Simpósio, eventos de maior porte, contaram sempre com apoio dos programas de pós das Letras e História, do Setor de Humanas Letras e Artes, da Fundação Araucária e, em 2012, pela primeira vez, da Capes. Os eventos versaram sobre vários temas ao longo desses anos, como por exemplo, diálogos entre antigos e modernos, as finalidades das críticas, amor e guerra – esse último deu origem a um livro com apoio Capes (Ipiranga, Garraffoni e Burmester 2014) – e ajudaram a tornar o grupo conhecido, fortaleceram os contatos, além de promover uma maior interação entre os Departamentos da própria UFPR.

2. Sobre o grupo *interinstitucional Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado*

A iniciativa para a criação desse grupo foi de Glaydson José da Silva, professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Tendo se especializado nos usos do império romano no governo de Vichy e, posteriormente pela direita francesa, Silva tem defendido, em muitas de suas publicações, a importância de repensarmos os lugares dos Clássicos na atualidade (SILVA, 2007). Sua premissa está baseada no pensamento pós-colonial e, entre os diversos pontos discutidos por intelectuais engajados nessa vertente, está a necessidade de expandir o uso das fontes para o estudo do mundo antigo e a urgência de se repensar os conceitos empregados para o estudo do passado.

Esses dois pontos se tornaram o norte central do grupo, formado por pesquisadores de várias instituições do país em 2010⁵ e liderado por Silva. Assim, o grupo visa, em primeiro lugar, difundir a contribuição da cultura material como evidência independente e capaz de produzir discursos próprios acerca do passado clássico, não restringindo o estudo aos textos e, em segundo lugar, repensar conceitos e modelos interpretativos, sobretudo aqueles cunhados ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX e, a partir de um ponto de vista crítico, analisar os impactos desses estudos nas políticas modernas. Tais preocupações levaram o grupo desenvolver duas linhas de pesquisa: 1. Cultura Material e Gênero no Mundo Antigo; 2. Identidade Nacional e Revisitação dos Clássicos, que assim foram configuradas, conforme consta no site⁶:

1. Cultura Material e Gênero no Mundo Antigo: As pesquisas desenvolvidas nessa linha partilham da preocupação em expandir o uso das fontes para o estudo do mun-

⁵ Sobre o grupo na página CNPq cf: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2318851719949896> e para detalhes e download da produção confira o site: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/usosdopassado/apresentacao/>

⁶ As definições das linhas foram retiradas de: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/usosdopassado/linhas-de-pesquisa/> (acesso em 19/06/2015).

do antigo, sobretudo aquelas relacionadas à cultura material, tendo nos estudos de gênero seu foco temático maior. Essas pesquisas se situam entre a contribuição da cultura material como evidência independente e capaz de produzir discursos próprios acerca do passado e a sua articulação com a produção textual;

2. Identidade Nacional e Revisitação dos Clássicos: as pesquisas desenvolvidas nessa linha partilham da preocupação em repensar conceitos/modelos empregados para o estudo da Antiguidade, considerando o fato de que muitos deles foram elaborados nos séculos XVIII e XIX e estabeleceram visões que se consagraram na posteridade. Tratam das relações da história da disciplina e sua ligação indissociável das identidades nacionais e, também, da ligação dos historiadores desse domínio com questões relacionadas ao Estado e diferentes outras instituições.

Todo o trabalho é construído a partir, portanto, de um ponto de vista epistemológico bastante preciso, pois ambas as linhas se articulam em torno da ideia da Antiguidade como presença posterior, reformulada pelas múltiplas visões e interesses do presente, que incluem vieses de classe, raça e gênero. As pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo – pesquisadores de diferentes instituições do país, alunos de graduação e pós - visam analisar os usos do passado tanto pela História como pela Arqueologia, propondo reflexões críticas acerca do papel do passado nos jogos de estratégia e afirmações identitárias do presente. Nesse sentido, se percebe a escrita sobre o passado greco-romano como fato histórico sujeito à temporalidade, criando uma compreensão diferenciada de trabalho que visa contribuir com novas abordagens acerca do mundo antigo.

Como os trabalhos são realizados por pesquisadores de diferentes Universidades brasileiras, a ANPUH, mais uma vez, tornou-se um espaço de encontro e diálogo, desde a criação do GT sobre Usos do Passado em 2011, por ocasião do Congresso

em São Paulo. Nos últimos dois encontros, o grupo teve oportunidades únicas de discutir abordagens, incentivar novas pesquisas, discutir dificuldades e formas de atuação.

Embora os temas sejam intercambiáveis e há formas de diálogo entre os grupos *Encruzilhadas de Narrativas* e *Usos do Passado*, acredito que haja, também, algumas diferenças: o primeiro foca mais nas formas de escrita e nas modificações dos gêneros literários na antiguidade greco-romana, enquanto que o segundo busca por meios de se repensar passado e presente, de discutir identidade e gênero a partir de perspectivas históricas e políticas.

Além disso, o primeiro, por estar situado na UFPR promove o intercâmbio entre os alunos e alunas dos cursos de História e Letras da instituição – tanto de graduação como de pós – permitindo que possam realizar disciplinas fora de seus cursos de origem e se aprofundarem nos estudos da cultura e línguas grega e latina. Um outro aspecto importante é a interação dos professores, pois o grupo tornou-se um ponto de diálogo importante para discutirmos não só teoria e aprofundamento dos estudos clássicos e sua posterioridade, mas também questões objetivas como compra de livros coletivas, melhorando os acervos da biblioteca da UFPR e possibilitando pesquisas mais atualizadas. No que diz respeito ao grupo *Usos do Passado*, por estar fora da instituição, permite o deslocamento dos alunos e alunas, intercâmbio em publicações e colaboração dos professores envolvidos. Nesse sentido, embora tenham objetos de estudos diferentes, o trânsito entre os grupos tem fortalecido a área na UFPR, promovido a interdisciplinaridade e nos desafiado ao trabalho coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando em 2001 os professores de História Antiga propuseram o GT de Antiga na Anpuh, deram um passo muito importante para realizar um balanço da situação dos estudos sobre o mundo antigo no Brasil. A iniciativa de publicar as discussões em forma de dossiê foi muito acertada na medida

em que foi possível ter uma ideia daquilo que tinha sido feito até então e os desafios por vir. Trabalhar com Feitosa naquele contexto, foi, sem dúvida, fundamental para que tivéssemos uma ideia mais ampla acerca da importância de pensarmos em políticas para a expansão da área no país.

Nesses quase vinte anos que separam o encontro desse texto temos, seguramente, um quadro bastante diferente. Não há dúvidas que a área se expandiu e os estudos sobre gregos e romanos estão mais consolidados no país, em especial depois do investimento do governo federal na renovação dos quadros docentes das instituições – que facilitou a criação de novos grupos de pesquisa –, nas bolsas para especialização no exterior de docentes e discentes e na aquisição de livros em várias instituições. Tais investimentos foram fundamentais para o desenvolvimento do grupo na UFPR e de redes como a liderada por Glaydson Silva que congrega instituições de vários estados. Esse novo quadro, portanto, nos desafia a pensar a interdisciplinaridade em diferentes níveis e o diálogo com os vários grupos que surgiram desde então.

Para além do contexto nacional, é interessante pensar que os estudos clássicos floresceram no Brasil no mesmo momento em que recuaram na Europa. Settis (2006), por exemplo, chama atenção para o fato que, na Europa, os estudos sobre os antigos perderam, cada vez mais, lugar na academia atual, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, nunca se falou tanto em democracia, guerra, república. A partir dessa constatação, questionou o lugar do legado dos clássicos no início do XXI na construção das identidades das culturas europeias como origem da cultura ocidental. Settis, em consonância com intelectuais críticos do pensamento eurocêntrico, atribui essa estagnação ao fato de que os discursos identitários europeus colocaram os clássicos no pedestal e, com isso, jovens não estariam interessados mais em estudar gregos e romanos, por considerar que o trabalho já está feito. Questionar o lugar dos clássicos na academia é, para Settis, fundamental para a produção de novos estudos. Nesse sentido, o pensamento pós-colonial de crítica aos usos do passado greco-romano nos discursos de poder da atualidade, tem sido um instrumento im-

portante para uma renovação teórica e epistemológica na disciplina.

Acredito, portanto, que estamos em um contexto bastante particular nesse momento: no Brasil temos o avanço das pesquisas e novas propostas de interpretação dos estudos clássicos, formação de novos grupos e novas gerações de pesquisadores, na Europa temos, por parte de alguns intelectuais, a abertura para outras formas de lidar com a herança dos clássicos. Desse momento particular surgem novos arranjos e possibilidades de diálogos, permite mais autonomia na produção de pesquisas no país, ao mesmo tempo que fortalece os laços com as instituições europeias. Esse novo contexto é propício para produção de conhecimento múltipla e de qualidade: como a situação facilita o diálogo, cada vez mais temos a oportunidade de trabalhar a herança dos clássicos de maneira crítica, menos eurocêntrica e mais emancipatória. O encontro do passado com o presente, no contexto atual, pode facilitar a pensar formas mais plurais na produção de conhecimento e, também, no ensino do lugar dos clássicos na escolas, não mais como cultura a ser emulada, mas como diferença que permite repensar nosso lugar no presente. Talvez esse seja o nosso maior desafio no momento: realizar trabalhos com as escolas de ensino fundamental e médio, buscando a realização de instrumentos didáticos atualizados e que permitam às crianças e jovens construir visões de mundo mais críticas e democráticas.

Classical Studies in Brazil: Achievements and Challenges

Abstract: The aim of this paper is to discuss some aspects of Classical Studies in Brazil. I shall focus on a former paper - 'As culturas greco-romanas em discussão: as pesquisas em Antiguidade Clássica da Unicamp' – published in 2001 by *Helade* and discuss the importance of an interdisciplinary approach for the development of Classical Studies in the first decade of 21st century. I shall also focus in two case studies to argue that postcolonial approach has been changing the way Brazilians has been dealing with classical heritage.

Key-words: Uses of the past, Classical Studies, interdisciplinary approaches.

BIBLIOGRAFIA

FEITOSA, L.M.C.; GARRAFFONI, R. S. As culturas greco-romana em discussão: as pesquisas em Antigüidade da Unicamp'. **Hélade**, v. 1, N.E., 2001.

FILIZOLA, A. Prefácio. *In*: IPIRANGA, P.; BURMES-TER, A. M.; GARRAFFONI, R. S. (Orgs.). **Do amor e da Guerra: um itinerário de narrativas**. São Paulo: Editora Annablume (apoio Capes), 2014, p. 11-18.

GARRAFFONI, R. S. **Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P.P.A. Considerações sobre o estudo da Antiguidade Clássica no Brasil. **Acta Scientiarum**. Education (Online), v. 32, 2010, p. 1-6.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P.P.A. Considerações sobre a busca do antigo no Brasil'. *In*: ROSA, C. B.; MARQUES, J.B; TACLA, A.B; MENDES, N.M. (Orgs.). **A Busca do Antigo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2011, p. 255-273.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P.P.A.; PINTO, R. O estudo da Antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes. *In*: HINGLEY, R. **O Imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**. São Paulo: Editora Annablume, 2010, p. 9-25.

SETTIS, S. **The future of the classical**. Cambridge: Polity Press, 2006,

SILVA, G. J. **História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940/44)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.